

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**Crítica Musical e Prática Discursiva:
A Folha Ilustrada e o Rock in Rio (1985)**

**Juiz de Fora
Abril 2013**

Fabricio Leonardo Delamare

Crítica Musical e Prática Discursiva:
A Folha Ilustrada e o Rock in Rio (1985)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de grau de Bacharel
em Comunicação Social na Faculdade de
Comunicação Social da UFJF

Orientador: Wedencley Alves Santana

Juiz de Fora
Abril de 2013

Fabricio Leonardo Delamare

Crítica Musical e Prática Discursiva:
A Folha Ilustrada e o Rock in Rio (1985)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Wedencley Alves Santana

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 03/04/2013 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana (UFJF) – Orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) – Convidado

Prof^ª. Ms. Aline S. Corrêa Maia Lima (UFJF) – Convidada

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora
Abril de 2013

Aos meus pais, Adoniro (eternamente) e Neusa, pelo amor, exemplo, confiança e ensino com que me conduziram. À minha irmã, Gleice, por todos os momentos de partilha. À Angélica, companheira no amor e na paciência. Aos meus sobrinhos Carolina e Gabriel, por serem como irmãos. A todos da minha família biológica, principalmente minha avó Maria (eternamente). Ao Grupo Jovem Juppter, onde estão alguns dos meus grandes amigos.

AGRADECIMENTOS:

A Deus, primeiramente, pelo dom da vida.

À Faculdade de Comunicação, pelo espaço e estrutura que cede e pelo ensino que presta na formação de grandes profissionais da Comunicação.

Ao professor Weden, pela orientação e condução deste trabalho.

Ao professor Paulo Roberto Leal, pelo conhecimento que dividiu com todos em sua vida acadêmica.

À Professora Teresa Neves, por todo o fundamento do jornalismo.

Aos professores Aline Maia e Ricardo Bedendo, pelo simples prazer em ensinar sobre a boa prática do jornalismo.

À professora Marise Mendes.

Aos amigos da Turma Ninguém respeita Ninguém (2009-2013): Alexandre, Alice, Aline, Ana Lúcia, Cleiton, Daniele, Flávio, Franciane, Gustavo, Helena, Henrique, João, Lorena, Maria Thereza, Marília, Mayra, Pedro Carlos, Pedro Gabriel, Romerito, Sarah e Talita, pela partilha de conhecimento e amizade.

À Fram Moraes, pela parceria em tantos trabalhos e reportagens.

Aos amigos Vítor Souza Paula e Henrique Duarte, vindos da Facom e que serão pelo resto da vida.

Aos amigos Flávio Christo, Alice Bettencourt, Ana Lúcia Pitta e Thê Fialho pelos momentos de descontração.

Aos petianos Cícero e Caio.

Ao Paulo Avezani, sempre à disposição.

À Lupa Tecnologia, empresa que apoiou, cedeu e compreendeu a dificuldade desta caminhada.

*“Se fosse fácil achar o caminho das pedras,
tantas pedras no caminho não seria ruim”.*

(Humberto Gessinger-Outras Frequências)

DELAMARE, Fabricio Leonardo. **Crítica Musical e Prática Discursiva: A Folha Ilustrada e o Rock in Rio (1985)**. 2013. Monografia (graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

RESUMO

A elaboração de textos e inserção de imagens no caderno Ilustrada, da Folha de S. Paulo, antes, durante e após o Rock in Rio, em janeiro de 1985, nos levou a buscar a forma como ocorria essa produção. Para isso, pesquisamos o processo de constituição de discurso e produção de sentidos. A análise de cerca de 40 páginas de várias edições do caderno de cultura da Folha proporcionou a observação de fatos interessantes como a publicação de matérias relacionadas às editoriais de política e polícia, a desvalorização do Brasil por parte dos próprios brasileiros e a elevação do país à categoria de rota dos grandes festivais de música. Este trabalho contém também uma breve história da evolução do rock brasileiro e como a primeira edição do Rock in Rio tornou-se um marco nesse processo.

Palavras-chave: rock, crítica, Ilustrada, discurso, texto.

ABSTRACT

The elaboration of texts and inserting images in the section Ilustrada, of the Folha de S. Paulo, before, during and after the Rock in Rio, in January 1985, led us to seek the way that production occurred. For that, we researched the process of constitution of discourse and meaning production. The analysis of about 40 pages about various editions of the cultural section of the Folha, provided the observation of interesting facts such as the publication of news related to editorial policy and police, the devaluation of Brazil by the Brazilians themselves and the elevation of the country at category of route of large music festivals. This paper also contains a brief history of the evolution of the Brazilian rock and as the first edition of Rock in Rio became a mark in this process.

Keywords: rock, review, Ilustrada, discourse, text.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 ROCK BRASIL E O ACONTECIMENTO DISCURSIVO DO ROCK IN RIO (1985).....	10
3 CRÍTICA MUSICAL COMO PRÁTICA DISCURSIVA.....	14
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS MATÉRIAS: O DISCURSO RESISTENTE E O DESLOCAMENTO DISCURSIVO	
4.1 O DISCURSO RESISTENTE DA FOLHA ILUSTRADA.....	22
4.2 O DESLOCAMENTO DISCURSIVO.....	30
5 CONCLUSÃO.....	45
6 REFERÊNCIAS.....	47
7 ANEXOS	48

1 INTRODUÇÃO

A ideia de realizar um trabalho em comunicação voltado para um evento específico requer muita atenção, uma vez que a todo o momento estaremos tentados a avaliar determinadas declarações sob a ótica artística; e esse não é o objetivo principal, mesmo sabendo que a maioria das fontes estão empenhadas no campo da arte e da cultura. Por isso, a utilização de teóricos da comunicação é a direção a ser tomada, indiscutivelmente.

O campo que abrange a Análise de Discurso, focada no estudo de matérias publicadas pela Folha Ilustrada, caderno cultural da Folha de S. Paulo, sobre a primeira edição do Rock in Rio, teve como base o texto de Orlandi (2005), em que se propõe que não há discurso livre de interpretação. A quantidade de matérias do evento e o espaço dedicado aos fatos indiretamente ligados a ele proporcionaram analisar trechos em que não só o regionalismo tem maior evidência, mas a negatividade em que os textos tratavam dos bastidores e do contexto do Rio de Janeiro, além de tudo que envolvia o Rock in Rio e não estava diretamente ligado ao rock, como a política, por exemplo.

Inicialmente, entende-se que o contexto da comunicação mais próximo de um show é o espetáculo, o qual “se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível.” (DEBORD *apud* BETTENCOURT, PITTA, MARTINS e FERNANDES, 2011, p. 1)¹. No século XX, os principais artistas musicais se destacaram no cenário cultural, de forma que poderiam ser qualificados como semideuses dotados de um comportamento glamoroso e desejável, que é ao mesmo tempo humanizado com a publicação de notícias sobre a vida pessoal (MORIN, 1997). Nesse contexto, se limitarmos aos anos 1980 e, mais especificamente, às principais bandas e seus líderes, veremos que a grande maioria era aclamada como semideuses em uma espécie de Olimpo, conceito dado por Edgar Morin

¹ BETTENCOURT, Alice E. M. et al. As manifestações Negativas à Banda Restart no Youtube: Críticas à Música ou ao Estilo?. (Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação) Recife: Intercom, 2011. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1593-1.pdf>>

(1997). No Brasil dos anos 1980 esse contexto conquistou sua apoteose durante o Rock in Rio, em 1985.

Nas palavras de Groppo (1996), o Rock in Rio foi o divisor de águas entre o rock brasileiro antigo e o que viria nos anos seguintes. O Brasil entrou na rota dos grandes eventos de música internacional, de fato, a partir do que foi realizado na capital fluminense². Antes disso, apenas alguns shows de artistas estrangeiros foram trazidos para cá. O projeto de realização do primeiro Rock in Rio levou à sociedade discussões acerca da capacidade de se produzir um mega evento inédito como esse. Mais questões foram levantadas sobre a situação financeira do país, contradizendo o investimento que foi feito pelo empresário Roberto Medina.

Fato isolado, a eleição indireta de Tancredo Neves para a presidência da República fez do festival de rock, idealizado por Roberto Medina, um mini palanque eleitoral. Os artistas brasileiros que se apresentaram no Rock in Rio cuidaram de divulgar a eleição no colégio eleitoral.

² A primeira edição do Rock in Rio aconteceu entre os dias 11 e 20 de janeiro de 1985. Rock in Rio - História. Disponível em <<http://dev.rockinrio.com.br/rock-in-rio/historia/>>

2 ROCK BRASIL E O ACONTECIMENTO DO ROCK IN RIO I

O rock chegou, de fato, no Brasil em 1958. Isso falando em termos históricos (Grosso, 1996), se deu através de versões insossas e sem brilho. Os empresários e as gravadoras não julgavam que o ritmo musical que fez sucesso na Europa e Estados Unidos fosse repetir a dose em terras brasileiras.

Antes, porém, nomes como Celly Campello e Nora Ney tentaram trazer o que seriam as primeiras experiências de rock no país. Mesmo assim, o estilo musical de forte influência estrangeira foi considerado passageiro, e até mesmo associado ao plano de governo de Juscelino Kubitschek.

Mas o sucesso de Elvis Presley e do filme *Rock Around the Clock*, o rock passaria a ser um fenômeno em escala mundial crescente. Em 1957, as primeiras bandas começam a ser formadas e o rock mais do que estilo musical tornou-se estilo de vida, principalmente para fãs do rock ainda nos anos 1950, como é o caso de Erasmo Carlos, Rita Lee e Raul Seixas.

Em 1965 surge a *Jovem Guarda*, um programa da antiga TV Record, que além de lançar nomes como o de Roberto Carlos, se tornou uma fase da música brasileira. No tempo em que permaneceu no ar, até 1968, a Jovem Guarda criou um impacto no mercado fonográfico da época, ensaiando uma espécie de prólogo do rock no Brasil.

Adentrando na década de 1970, vemos o surgimento da corrente dos “híbridos”, com o Festival Internacional da Canção (GROSSO, 1996), onde Rita Lee e Raul Seixas foram incluídos, junto ao grupo Secos e Molhados e Novos Baianos. No fim da década, o rock ganharia mais notoriedade com a estreia de novos nomes no cenário musical. O envolvimento com questões sociais, econômicas e culturais, trouxe para a cena o rock progressivo, um estilo que ficaria consagrado durante os anos 1980. Segundo Ribeiro (2009, p. 50), o Rio de Janeiro

foi o principal centro dessa explosão de bandas e cantores ganhando o nome de “rock de bermudas” por parte da imprensa paulistana.

Outra tendência do pop-rock brasileiro era alguns espaços para shows, como é o caso do Circo Voador, no Rio de Janeiro e de algumas rádios, como a Fluminense, de modo aberto e alternativo (Groppo, p.221), lançando diversos estilos e bandas, como os Paralamas do Sucesso e Blitz.

Um dos estilos mais marcantes nessa geração foi o New Wave, que englobou elementos do blues e do punk rock. Groppo comenta que o estilo, nascido nos Estados Unidos, contribuiu para a formação de diversas bandas de rock no Brasil:

Rótulos e mais rótulos, a partir da new wave, lançaram modas e estilos ligados direta e indiretamente à indústria fonográfica e outros setores da indústria cultural. Rótulos cuja música se valia, como foi mostrado, da reciclagem do rock de décadas anteriores. (GROPPO, 1996, p.86).

Groppo aponta ainda dois fenômenos que ajudaram a consolidar esse crescente consumo de rock:

[...]. Um destes é a transformação do Brasil em mercado de shows internacionais de artistas do pop-rock, completando o processo de inclusão do Brasil no mercado musical mundial que já fora iniciado nos anos 70. [...]. Outro, complementando, foi a participação das rádios (principalmente as de Frequência Modulada – FMs), das televisões e dos produtos em vídeo nessa consolidação. Ou seja, os anos 80 criaram no Brasil, em destaque os grandes centros urbanos, com a precedência do eixo Rio-São Paulo, um mercado juvenil consumidor de música comercial ou pop-rock, seja ela de procedência nacional ou internacional [...]. (GROPPO, 1996, p.200).

O rock brasileiro teria seu marco divisor no Rock in Rio. A primeira edição, de janeiro de 1985, impulsionou a explosão de vendas no mercado fonográfico. Oliveira (2011) comenta que o rock brasileiro viveu esse período de efervescência em meio ao Plano

Cruzado³ e as vendas de discos mantiveram crescimento por seis meses após os dez dias de janeiro em que aconteceu o festival de música na capital carioca.

O empresário Roberto Medina, dono da ArtPlan organizou o inédito festival de música no Rio de Janeiro, mesmo sob forte crítica da mídia e da política, devido ao custo considerado alto para os padrões da época (1985). Para dar suporte ao projeto, Medina contou com patrocinadores de marcas internacionais, a exemplo da rede de fast food McDonalds. Além disso, deu projeção nacional ao evento quando assinou um contrato em que dava à Rede Globo o direito de exclusividade na exibição dos shows, entre os dias 11 e 20 de janeiro. A ArtPlan construiu uma espaço destinado às apresentações. O local, batizado “Cidade do Rock” e apelidado de “rockódromo”, contava com campings para os roqueiros se instalarem durante o evento.

Cerca de sete shows, entre nacionais e estrangeiros, eram realizados nos dois palcos principais e contou com artistas brasileiros da MPB que aparentemente não tinham ligações com o rock. Nas palavras de Groppo, “o Rock in Rio impressionou mais pelo gigantismo do projeto e a divulgação pela mídia do que pelo sucesso e qualidade dos shows” (idem, 1996, p.201). Realizado numa época de ansiedade no que dizia respeito à situação política e social do Brasil, o festival de rock carioca teve alguns diálogos com a política, sobretudo pelo fato de a eleição indireta para presidente da república – que ocorreria no quinto dia do Rock in Rio – mobilizar artistas e até mesmo a própria organização do evento.

O encerramento do Rock in Rio contou com palavras emocionadas de Roberto Medina. Desde então se passou a especular sobre a data da segunda edição, visto o sucesso de mídia e de vendas de produtos relacionados com a marca Rock in Rio. Além disso, a

³ Idealizado pelo então ministro da Fazenda, Dilson Funaro, o Plano Cruzado congelou os salários e os preços de produtos e serviços. Inicialmente teve apoio popular, mas poucos meses depois provocou desilusão entres os produtores que, por não poderem reajustar preços, perderam rentabilidade. Por isso, consumidores passaram a conviver com desabastecimento nas prateleiras dos supermercados e má qualidade de produtos, como alimentos. Aos poucos o governo passou a descongelar os preços, o que fez voltar a inflação. A medida foi uma bomba-relógio que acabou com o plano um ano após sua implantação. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/linhadotempo/epocas/1986/plano-cruzado>>

realização do festival proporcionou que o Brasil fosse inserido na rota dos grandes shows internacionais, bem como de renomadas estrelas da música mundial.

A partir do final da década de 1980, o rock passa a sofrer, assim como outros setores da cultura e da mídia, os efeitos da crise econômica vivida pela sociedade brasileira. Se no meio da década o rock vivia seu apogeu, é no final dela que o ritmo começa a entrar em queda, seja pela mudança de público, seja pela falta de recursos para comprar LPs ou ir a shows.

3 CRÍTICA MUSICAL COMO PRÁTICA DISCURSIVA

A crítica foi introduzida por meio dos pequenos jornais, ainda no século XVII. Com o tempo, por conseguir exercer influência sobre os consumidores de arte e cultura, o exercício contínuo da crítica periódica passou a ser considerado como profissão. O crítico passou a ser rotulado como o “árbitro das artes” (Oliveira, 2011). A partir daí, a crítica passou a fazer o papel entre o artista e o público ainda desinformado sobre novos produtos. No caso da crítica musical brasileira, vemos seus primeiros sinais em meados do século XX, com a inserção da exclusividade dos cadernos de cultura nos jornais. Entretanto, a crítica musical, com o tempo, mais especializada, encontrou lugar nas revistas específicas. Essa especialização se deu basicamente, no caso brasileiro com as publicações *Rolling Stone – edição brasileira* (editada entre 1972 e 1973), *Pop* (1972-73), *Música* (1976-83), *Somtrês* (1979-89), *Pipoca Moderna* (1982-83) e *Bizz* (1985-2001).

O caminho da crítica musical não migrou totalmente com o surgimento das revistas especializadas em música. Os jornais continuaram mantendo suas sessões de análise e avaliação de álbuns, gravadoras, artistas, etc.

A partir da segunda metade dos anos 70, com o surgimento das revistas *Música* e *Somtrês*, a crítica musical começou a se desenvolver e se profissionalizar. Porém o rock brasileiro daquela época era visto com desconfiança por parte dos críticos. Na década seguinte, o gênero passou ser valorizado graças ao alcance mercadológico e também de prestígio. Contudo tal valorização não se sustentou por muito tempo, tanto em mercado e prestígio quanto na crítica musical: não existia unanimidade dos críticos em relação ao rock brasileiro. Por outro lado, grupos que postulavam como *undergrounds* conquistaram a simpatia da imprensa musical. Após sucumbir a uma perda de espaço na mídia, entre o final dos anos 1980 e o início da década de 1990, houve um abrandamento no tom da crítica especializada nesse gênero. Em suma, tratava-se da figura do crítico atuando como mediador entre os músicos e um público consumidor que o próprio crítico julgava ideal. (OLIVEIRA, 2011, p.7).

Essa pesquisa encontrou base, principalmente, nos trabalhos do jornalista Pepe Escobar. Crítico da *Folha Ilustrada*, o caderno de cultura da *Folha* de S. Paulo, nos anos 1980,

Escobar era escalado para comentar tudo que tangesse a parte musical, dos lançamentos aos eventos de música. Durante o primeiro Rock in Rio (1985), o jornalista marcou ponto em todos os dias; até a véspera do festival de música, em São Paulo, e depois, no Rio.

Sempre mesclando ironia e informação, o jornalista levou durante os dez dias de evento uma crítica acerca de toda esfera do Rock in Rio. Inclusive, ajudou a misturar política e polícia com o inédito evento de rock.

Percebe-se que a crítica permeia as faces de uma análise, onde o contexto e, muitas vezes, o gosto pessoal se tornam agentes influenciadores de um texto. O entendimento entre emissor e receptor, como informa Oliveira (2011), ocorre numa linha tênue, a qual muitos autores concluem ser o canal ou meio, formatando, portanto, a mensagem.

Podemos compreender que a prática discursiva em crítica musical ocorre observando conteúdos embasados, primeiramente, na informação que é passada ao receptor. Essa descrição é somada à visão de produto que o analista ou crítico possui previamente. O crítico precisa estar em comunhão com o perfil do público ao qual escreve, desde que tenha o compromisso de informar. No caso de estar a serviço de determinado veículo de imprensa, seu trabalho ainda deve passar pelas limitações editoriais do meio e da empresa. Pela natureza de seu trabalho e pelo repertório adquirido em sua trajetória pessoal e profissional, ele deve tomar cuidados para que seu gosto pessoal não interfira na imparcialidade recomendada para uma crítica. Mas, ao mesmo tempo, deve se precaver para que o produto final de sua análise não seja técnico ou tedioso.

Nesse patamar, é possível prever os sinais de que há discurso embutido no texto e os sentidos que são e serão produzidos, bem como toda a interpretação e julgamento concernentes por quem o analisa. Por um lado, há a “crítica textual”, ou seja, é o que o crítico-jornalista faz ao escrever para uma publicação impressa ou para uma estação de rádio. Por outro lado, há a crítica erudita, que comunica o repertório de uma obra, em termos

relacionados a um contexto sócio histórico, falando sobre como a obra surgiu e como se relaciona com obras anteriores.

Para Orlandi (2005) uma análise começa na observação do modo de construção, da estruturação, do modo de circulação e os diferentes gestos de leitura que constituem os sentidos do texto. Então, estamos em condição de desenvolver a análise, a partir dos vestígios que são encontrados, na procura do que entendemos como processo discursivo e sua compreensão nos objetos que teremos como simbólicos.

A transformação da superfície linguística em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão. Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho. (ORLANDI, 2005, p.66).

Ao estabelecer a análise do discurso como método de pesquisa científica, percebemos a necessidade de procurar significados, interpretações, modos de dizer, enfim. Aspectos que inferem na própria escrita, no próprio discurso, tendo em vista que é necessário conhecer os elementos para a constituição do texto, o qual se faz um tipo de discurso. Sendo assim, a noção de interpretação, que perpassa pela relação discurso/texto aponta que não há sentido sem interpretação e ela está presente em dois níveis: o de quem fala (escreve) e o de quem lê (analisa) (ORLANDI, 2005).

Para a Análise em si, é importante que tenhamos o conceito bem definido do que venha a ser a interpretação. No caso de um jornal impresso diário, por exemplo, há efeitos de sentido que podem inferir sobre aspectos como regionalismo, partidarismo, entre outros, influenciando, sobretudo, sua linha editorial.

Orlandi (2005) escreve que não se trata apenas de transmissão de informação e sim de processos de identificação do sujeito, de argumentação, subjetivação e construção da realidade.

A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre os locutores. (ORLANDI, 2005, p.21).

A Análise de Discurso lida com as problematizações na maneira de ler, levar o sujeito a se colocar questões sobre o que produzem e ouvem nas diferentes manifestações de linguagem. É importante saber que não há, por exemplo, neutralidade.

Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise do discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (ORLANDI, 2005, p.9).

Sendo assim, há diferenças de apropriação, há diferenças na memória. Os graus de identificação permitem produzir sentidos e aproveitá-los.

Sabe-se que o texto é regido por uma necessidade. Seja ela interpretativa, informativa ou crítica, o discurso analisado surge dentro de um contexto global, levando em consideração as condições em que foi produzido. Essas, por sua vez, podem ser históricas, sociais ou ideológicas.

Orlandi considera que a memória tem suas características, quando pensada em relação ao discurso sendo, portanto, tratada como interdiscurso. Ela chama isso de memória discursiva, que disponibiliza dizeres que afetam o modo com o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

A ideia de que temos um repertório para organizarmos as ideias e aglutinar novos pressupostos também encontra lugar no discurso analítico. Orlandi (*apud* Courtine, 1984) chama o interdiscurso de eixo vertical, onde os dizeres já existem, o da constituição. Em seguida enuncia o horizontal ou eixo da formulação, nomeando-o intradiscurso.

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. (ORLANDI, 2005, p. 33).

Quando pensamos sobre a linguagem, porém de forma discursiva, não há como limitar irrestritamente o que é igual e o que é diferente. Por isso, a AD trabalha o processo da linguagem discursiva em plataformas de processos parafrásicos e processos polissêmicos. A paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer. A polissemia rompe com os processos de significação. Esse confronto entre paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político.

O discurso se constitui em sentidos, pois aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra. Então, as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. Orlandi dirá que a formação discursiva constitui-se como base da Análise de Discurso, pois permite a compreensão do processo de produção de sentidos, sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso.

Sendo assim, uma formação discursiva considera o *pré-construído*, definição na de discursos de outras origens e que são incorporados em uma relação de complementação ou de antítese.

Um dos pontos fortes da Análise de Discurso é poder re-significar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem. Trata-se assim da definição do fato de que não há sentido sem interpretação; é por aí que há de se considerar que nos discursos há ideologia.

Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento da interpretação o sentido aparece-se como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação. (ORLANDI, 2005, p.45).

Diante dessa concepção, surge a questão da interpelação ou assujeitamento do indivíduo como sujeito ideológico, que faz com que outros sejam levados a ocupar seus lugares em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social.

Ao entrar em contato com a Análise do Discurso, percebe-se que todos os seus conceitos – e são muitos – têm características em comum e de alguma forma estão interligados, participando da constituição do processo de enunciação, da construção do discurso. Apesar de desempenhar várias posições no espaço interdiscursivo, o sujeito sofre a coerção da formação discursiva (Mussalim, 2003). Ele ocupa um lugar de onde enuncia, e é de onde ele pode determinar o que se pode ou não dizer, dominando as possibilidades de sentido em seu discurso. Sendo assim, os discursos são provenientes, inclusive, de determinados embasamentos ideológicos.

A distinção produtiva que existe entre discurso e texto não pode ser desconsiderada, pois ela traz outra distinção: a que existe entre sujeito e autor. A análise não é inteiramente objetiva. Contudo, deve ser o menos subjetiva possível, explicitando o modo de produção de sentidos do objeto de observação.

Orlandi (2005, p.65) afirma que os textos não são documentos que ilustram ideias pré-concebidas, mas monumentos onde pode ser feita uma multiplicidade de leituras, pois o que interessa é a materialidade, de cunho linguístico e histórico.

[...]. Logo, não se remete a regras mas as suas condições de produção em relação à memória, onde intervém a ideologia, o inconsciente, a falha, o equívoco. O que nos interessa não são as marcas em si mas o seu funcionamento no discurso. É este funcionamento que procuramos descrever e compreender. (ORLANDI, 2005, p. 65).

O resultado é uma mostra do trabalho da ideologia na formação do discurso, na fase do assujeitamento e da indicação de espaço/lugar que ocupa no texto. Desde a análise preliminar do corpus até o produto de seu detalhamento, englobando apuração linguística e contextualização do enunciado e do processo discursivo, é que o analista entende a historicidade do texto. O termo, segundo, Orlandi (2005), designa o acontecimento do texto como discurso, além do trabalho de sentidos nele. A Análise de Discurso está em uma região menos visível, mas igualmente relevante à evidência empírica e o cálculo (Orlandi, 2005). Se escrito ou oral, a definição do texto não muda o foco da investigação. O que conta, de fato, é a materialidade que o compõe.

O texto, referido à discursividade, é o vestígio mais importante dessa materialidade, funcionando como unidade de análise. Unidade que se estabelece, pela historicidade, como unidade de sentido em relação à situação. (ORLANDI, 2005, p.69).

Para compreender como a análise de discurso é proposta, o leitor se relaciona com os processos de produção e significação embutidos no texto. Assim, pode compreender como ele funciona e produz sentidos. Todo texto é heterogêneo, quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos e à das linguagens. O discurso é uma dispersão de textos cujo modo de

inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas. A Análise de Discurso não tem o texto em si como objeto final de sua explicação, mas sim o discurso dele. Portanto, o que temos como produto de análise é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições.

As distinções propostas por Orlandi (*apud* Vignaux, 1979) dizem respeito, também, sobre a realidade e o imaginário, pois é válido o pressuposto de que o discurso não constitui a representação de uma realidade. Ele funciona para assegurar a permanência de uma certa representação.

[...]. É a distinção entre real e imaginário, O que temos, em termos de real, do discurso, é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido. De outro lado, a nível de representações, temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição, na instância do imaginário. É por essa articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário que o discurso funciona. É também dessa natureza a distinção (relação necessária) entre discurso e texto, sujeito e autor. (ORLANDI, 2005, p. 74).

O primordial ao analista é composto no processo discursivo, através de suas propriedades internas: condições, remissão a formações discursivas, modo de funcionamento. A ideologia se materializa na linguagem, reunindo autor, sujeito, texto e discurso. Sendo assim, entender a prática discursiva como elemento da Análise de Discurso torna plausível compreender um texto dentro dos seus parâmetros de construção.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS MATÉRIAS: O DISCURSO RESISTENTE E O DESLOCAMENTO DISCURSIVO

4.1 O DISCURSO RESISTENTE DA FOLHA ILUSTRADA

Em 3 de janeiro de 1985, O caderno “Ilustrada” traz sua primeira matéria de destaque ao Rock in Rio: “Brasil entra fervendo na rota fria dos festivais”. Assinada por Pepe Escobar, a matéria afirmava que os grandes astros do rock mundial já não ligavam para grandes eventos musicais. Além disso, os mega eventos roqueiros teriam atingido o ápice no início dos anos 1970. Segundo Escobar, seria difícil um evento musical aglutinar mais de 60 mil pessoas ou mesmo fazer um astro estourar, como havia sido com os solos de Jimi Hendrix no Festival Monterrey, em 1967. Na visão do jornalista, que aproveita o espaço para resumir alguma experiência própria ao presenciar festivais na Europa, “o festival de rock, mesmo, acabou. A era se repete aqui, agora no local tropical mais adequado para se torrar corpo e miolos” (ESCOBAR. Folha Ilustrada. P.29. 03/01/1985).

O título apela para a ironia. Remete à memória discursiva da já antiga Jovem Guarda naquele momento (“Pode vir quente que estou fervendo”, dizia uma música do movimento). O que provoca o efeito de sentido de anacronismo sobre o objeto do discurso.

A Análise de Discurso permite empreender esta leitura porque se trata de uma semântica histórica, que leva em conta a posição dos sujeitos em relação de forças na sociedade. Não se trata apenas de entender “os significados” das palavras ou das frases, mas relacioná-las a outras textualidades, dentro de certas correlações históricas. Por isso, não se busca significados (sentidos estáveis, dicionarizados), mas relações de sentidos possíveis. É

evidente que nem todo leitor pode fazer a leitura acima produzida neste momento de análise. Aqueles que se encontravam fora da memória ou do arquivo na história da jovem guarda, ou que não conheciam o texto da música de Roberto e Erasmo Carlos. Outras leituras poderiam ser feitas, porque outras correlações de sentido poderiam ser produzidas a depender da operação intertextual produzida pelo leitor: com o jogo do “quente e frio”, com o a expressão “é fria!”, para designar iniciativa mal ajambrada, com sentidos que o significante “frio” sugere, como “apático”, “desanimado” ou simplesmente pouco receptivo.

Portanto, a produção de sentidos a partir da autoria nem sempre encontra o leitor ideal, ou é bem sucedido no efeito-leitor pretendido. O que faz com que o sentido de anacronismo previsto não esteja disponível para todos os leitores.

Mas o efeito de sentido detectado acima, entre outros possíveis, como já enfatizado, parece ir se justificando no próprio prolongamento da textualidade do jornal. “O festival de rock, mesmo, acabou”. O “quente” do título que reforça o contraste ou a desproporção das pretensões brasileiras naquele momento desdobra outros sentidos: o calor do verão brasileiro. É a pista deixada pelo texto: “A era se repete aqui, agora no local tropical mais adequado para se torrar corpo e miolos”.

A Folha Ilustrada, ainda na primeira página, procurava trazer novos personagens que, a princípio, em nada tinham a ver com o Rock in Rio. Para encerrar a edição do dia 3 de janeiro na Ilustrada, Ruy Castro menciona o Rock in Rio como o programa de índio do verão de 85.

[...]. Mas nada superará, evidentemente, o Rock in rio como o programa de índio de 1985. Suponho que tudo corra bem – ou seja, que faça sol ou não chova no Rio, todos os serviços funcionem, ninguém promova altas baixarias, a polícia seja tolerante e o som não dê um vexame – o Queen estará presente. (CASTRO. Folha Ilustrada P.36. 03/01/1985).

Discursivamente, pouco interessa o autor do texto, falado ou escrito, mas sim sua posição sujeito em meio a uma formação discursiva (doravante, também, FD). Por FD, a AD compreende a matriz de interpretação, o lugar de onde fala o sujeito. No caso do recorte de enunciados acima, o que fica evidenciado é a filiação do autor a uma FD bem presente no país: a de que ele é incapaz de trazer grandes eventos, pela sua própria e suposta incapacidade organizacional. O mesmo debate voltou recentemente com relação às Olimpíadas e à Copa do Mundo. Para muitos, o que se espera são atrasos, gastos excessivos, flagrantes de falta de organização e ordem, tumultos etc.

Em 1985, quando o histórico de grandes eventos ainda era pequeno no país, a desconfiança de que a iniciativa de trazer um grande festival resultaria em vexame era muito grande. Discursos sobre nossa incapacidade são perenes em nossa cultura e pensamento. O trecho acima ressoa estes discursos.

Nos dias que antecederam o primeiro Rock in Rio, a Ilustrada levou um pouco de política às páginas do caderno de cultura da Folha. Um caso interessante foi o de uma nota sobre a opinião de um candidato indireto à Presidência, Tancredo Neves, que não apoiava a realização do evento. No entanto, a declaração de Tancredo, na própria nota, era a de que simplesmente não compareceria ou faria mensagem ao festival na capital carioca. Na edição seguinte, outra nota mostrava a posição de Paulo Maluf, o candidato adversário, favorável ao evento. Maluf considerava, segundo a nota, que a juventude do Rock in Rio também tinha lugar e que o público, formado em maior parte por estudantes, merecia gastar a energia no evento para encarar o ano letivo que viria.

O episódio provocou uma reação de Tancredo, pois, no dia 5, a Ilustrada traz uma matéria em que o ex-governador mineiro rebate às críticas de Maluf e assenta que a imprensa interpretou erroneamente suas palavras. Com o título “Tancredo agora discute rock com Medina”, a sucursal carioca da Folha tenta desfazer o que seria um mal entendido. Além

disso, a matéria conta que a votação no colégio eleitoral, no dia 15 de janeiro, seria acompanhada pela organização do evento e tão logo o novo presidente estivesse eleito, a banda que estivesse tocando anunciaria o vencedor. A matéria mereceu fotos do candidato e do empresário.

Aqui o Rock in Rio já vai se impondo como um acontecimento histórico e discursivo. A “retratação” de Tancredo mostra que já não era possível ignorar o festival, apesar do seu pouco prestígio inicial junto aos parlamentares. Ora, não era uma campanha direta, não era uma campanha em que Tancredo teria que ceder aos apelos públicos. Por que a retratação? O posicionamento crítico manifestado pelo jornal nas primeiras coberturas ou opiniões seria reforçado com a palavra de um presidenciável favorito dentro do Colégio Eleitoral. A questão é que o festival começaria ali já a se estabelecer como um acontecimento discursivo, agendando as discussões nas ruas, imperando sobre as coberturas de outros eventos pela mídia. O que o presidenciável produz nesse momento é o que se pode chamar tecnicamente de reflexividade autonímica (AUTHIER-REVUZ, 1995), que é a reelaboração do sujeito do dizer – um retorno do sujeito sobre o próprio dito – que rompe momentaneamente a ilusão de transparência ou ilusão de sujeito (ORLANDI, 2005).

A próxima referência do caderno Ilustrada ao Rock in Rio estava na primeira página do dia 07 de janeiro de 1985. Uma pequena matéria, creditada à Sucursal do Rio, o caderno de cultura da Folha de S. Paulo expôs os números de linhas de ônibus que atenderiam o evento em caráter especial, além do estacionamento para mais de 41 mil veículos, entre ônibus, carros e motos. Mesmo com os números aparentemente grandes e todo o esquema de tráfego planejado, a matéria mostrou que os transtornos no trânsito ainda seriam possíveis.

A dois dias do início do festival, o Rio de Janeiro já recebia os primeiros artistas internacionais. Ao mesmo tempo os primeiros fãs também chegavam. Nesse clima, a Folha Ilustrada passou a dar mais destaque ao evento na primeira página do caderno. A sucursal

carioca do jornal também recebia os repórteres especializados de São Paulo. A matéria “Com o Queen, chegam as primeiras estrelas”, de 8 de janeiro de 1985, estampava desde então a logomarca do Rock in Rio ao lado, concluindo que a partir daí as matérias teriam enfoque de reportagem especial, pelo menos durante o evento.

O destaque à banda de Fred Mercury se deve ao sucesso que fazia desde o final dos anos 1970. O grupo inglês era um dos mais esperados e aguardados para se apresentar na capital carioca. Entretanto, a Ilustrada contava que artistas dos Scorpions e Whistnake já haviam chegado.

Com o inédito mega evento prestes a acontecer, a mesma matéria destacou a presença de dois roqueiros paulistas em um dos quatro campings. Os locais, próximos à Cidade do rock, serviriam para aqueles que fossem ficar vários dias no Rio. Um paulistano e um campineiro temiam não encontrar vagas e, de acordo com a matéria, resolveram chegar alguns dias adiantados.

Dentro do caderno Ilustrada é possível observar que a Folha já dava mais destaque, como era de se esperar de um grande veículo, ao Rock in Rio. Percebe-se que o deslocamento de jornalistas de São Paulo proporcionou um número maior de matérias e referências, além de diversificar o conteúdo das matérias.

Percebem-se notícias relacionadas às entrevistas que os artistas dariam. Porém alguns não compareceram, seja por motivos não especificados, seja por desencontro. Isto gerou crítica da Folha à Artplan, responsável pela organização dos bastidores e venda de ingressos. O jornal destacava que além do não comparecimento de alguns entrevistados, a empresa fazia “jogo de empurra”, deixando a imprensa desorientada. A matéria, que mereceu foto da Banda Kid Abelha, destacava ainda os valores que as bandas receberiam como cachê. Embora somente o Kid Abelha e a os Abóboras Selvagens, tenham revelado quanto ganhariam, a especulação foi tamanha que não poupou comparações entre as cifras que

poderiam ser recebidas por artistas nacionais e internacionais, apontando que os de fora ganhariam mais para fazer menos, uma vez que a banda de Paula Toller faria duas apresentações.

Na mesma página, em nota da sucursal do Rio, o jornal contou o fato de um fã da cantora Elba Ramalho estar preocupado. O motivo era o medo de que uma profecia de Nostradamus se cumprisse durante a apresentação da cantora. A propósito, Elba subiria ao palco do festival no estilo “forrock”.

Outros dois boxes complementavam o assunto Rock in Rio. O primeiro deu destaque à transmissão televisiva, ou seja, a Rede Globo, detentora exclusiva dos direitos de exibição. Contava como seria a geração de imagens e a estrutura da emissora, montada dentro da Cidade do Rock. O outro boxe dava conta da valorização imobiliária na região do evento. Segundo a Folha, quem desejasse ter um pouco mais de conforto que os campings não ofereciam, poderia, além de optar por hotéis, alugar apartamentos para a temporada roqueira. Só que os preços eram muito acima do cobrado.

Discursivamente, a distribuição dos textos na diagramação ou paginação tem importância na medida em que podem produzir sentidos diferenciados. Por exemplo, matérias complementares (segundas matérias, boxes ou retrancas ou mesmo outras matérias em páginas adjacentes, mas capazes de produzir efeitos na leitura) sobre especulação financeira sobre as acomodações ou a disparidade de cachês de artistas nacionais comparados aos de artistas internacionais, acrescentam sentidos negativos à cobertura do evento. O mesmo pode-se dizer do posicionamento da matéria na página, que ajuda a hierarquizar os textos segundo uma ordem de importância atribuída pelo jornal. O que remete ao fato de que não pode pensar no texto único da matéria como o lugar de observação, pelo menos não idealmente. A análise deve ser feita pela textualidade completa, que envolve tanto o corpo principal da matéria, como os textos adjacentes, as fotos, a constituição dos títulos, das legendas, a posição na

página e a vizinhança de outras matérias capazes de interferir na leitura. Esta textualidade também deve ser remetida a outras textualidades, distribuídas em outros veículos, em outros momentos.

A atenção da Folha de S. Paulo à cobertura da Rede Globo é um exemplo desta intertextualidade. Ao longo do festival, a cobertura televisiva daria o tom da discursividade sobre o evento na mídia como um todo. É o que antecipa o jornal ao dedicar uma reportagem sobre o aparato utilizado pela emissora do grupo rival.

Na edição de 9 de janeiro, a primeira página da Ilustrada trouxe a informação de que Fred Mercury, um dos mais aguardados, desembarcou no Aeroporto Galeão, no dia anterior, e seguiu direto para o hotel, sem parar para flashes ou autógrafos. Sua chegada, segundo a reportagem, foi cinematográfica.

Um artigo bem humorado do jornalista Ruy Castro, na mesma página, indicava os melhores acessórios para usar no Rock in Rio. Com desenhos e explicações sucintas, os objetos inusitados serviriam para aproveitar melhor os shows e tornar a espera menos difícil. As ideias serviam para aguentar o calor do Rio de Janeiro ou mesmo para evitar vendedores ambulantes. Nesse artigo, Castro não deixa de enfatizar que os objetos sugeridos servem para driblar o imprevisto carioca nem de mencionar que muita gente não sabe como é estar n Rio ou num grande festival internacional.

Na reta final para o Rock in Rio, nesta sexta-feira, gente de todas as partes do Brasil já começa a fazer as malas para o festival. É provável que a maioria nunca tenha ido a um festival de rock. Alguns talvez sequer tenham ido ao Rio. Pois é bom que se preparem. Certas situações inesperadas exigirão soluções de emergência, pondo à prova toda a criatividade rockeira. Os visitantes de São Paulo, pouco habituados ao espírito de improvisação carioca, deverão estar especialmente atentos. (CASTRO. Folha Ilustrada P.35. 09/01/1985).

O mesmo autor, que antes havia vocalizado um discurso de descrença na capacidade de organização do país, atualiza agora os sentidos de uma velha rivalidade entre

cariocas e paulistas, fundamentada em pré-construídos como o contraste “improvisação/ordem”, este último atribuído aos paulistas.

Na página 42 da Ilustrada, na manchete “Ivan Lins diz que se sentirá à vontade”, o cantor tratou de afastar qualquer insatisfação por causa de críticas a respeito de sua apresentação no Rock in Rio. A matéria cita o cantor Eduardo Dusek, o qual dizia, segundo a Folha ilustrada, que não se apresentaria caso Paulo Maluf fosse eleito indiretamente o novo presidente da República. Seu show estava marcado para o dia 15 de janeiro, mesma data da eleição no Colégio Eleitoral.

Uma nota foi publicada também sobre os planos de Lulu Santos em não seguir a moda dos artistas internacionais. Ele dizia que cantaria de bermuda e não de couro, por isso teria escolhido não se apresentar no mesmo dia dos metaleiros. Erasmo Carlos, por sua vez, pediu par cantar a noite, não dispensou o efeito do gelo seco e afirmou que não lançaria nova música durante o evento.

A página era completada pela notícia de que o jornal “Voz da Unidade”, do Partido Comunista Brasileiro, havia divulgado um artigo criticando o Rock in Rio, cunhando o festival como uma associação multinacional de gravadoras. O artigo evocava figuras nacionais da história e da literatura, como Duque de Caxias e Olavo Bilac. Por ser pequena e tratar-se de um informativo sobre um jornal comunista, a nota teve relativo destaque no caderno de cultura da Folha. Estava na mesma página onde constavam matérias cujas referências eram a controvérsias de artistas ao festival. Além disso, o cunho político e crítico ao culto dos roqueiros brasileiros a personalidades internacionais foi destaque nas matérias da página 42.

4.2 O DESLOCAMENTO DISCURSIVO

A semana de realização do evento não começou com uma boa vontade maior da Folha. Mas dia a dia as expectativas iam mudando, e novos sentidos seriam agregados aos primeiros – o da iminência de um festival que poderia ser problemático. Começam a agir, num momento posterior, os efeitos de sentidos produzidos pela massiva cobertura televisiva, geralmente, laudatória e festiva. Entram aí fortemente os efeitos de interdiscursividade e intertextualidade: a produção de sentidos de outros meios e a produção textual dos demais veículos conduzindo o percurso discursivo da Folha. Mas o jornal não abandona o tom crítico, embora já negocie com os discursos comemorativos.

Na véspera do início do Rock in Rio, a Ilustrada trouxe na primeira e na última página do caderno, uma agenda completa dos shows. O destaque ficou por conta da introdução da matéria. Pepe Escobar não deixa de ter um tom crítico ao evento, principalmente por supervalorizar a cultura do rock internacional e enfatizar a inexpressiva representatividade de artistas de São Paulo e da música negra.

Enfim, começa amanhã a maratona. Publicamos a seguir um Quem é Quem, com informações sobre os grupos que estarão em cena no Rock in Rio. É uma seleção no mínimo insólita para um festival de rock. Tem, é verdade, desde lendas vivas até grupos para crianças de colo. No fronte nacional, o Nordeste realça. São Paulo só tem mesmo Rita Lee de última hora. Alguns dos grupos escalados podem dar vexame. Especialmente porque, ao que tudo indica, a maior parte da platéia será da armada heavy metal – uma garotada que não perdoa salamaleques, gritinhos fora de hora e remelexos idem. Na programação falta muita coisa de nível qualitativo. Não há representantes da melhor música negra – do soul ao rap, do reggae ao eletropop. Não há nenhum grupo realmente transgressivo. Não há nem mesmo um grupo como o U2, que, pela sua singular mistura de paixão e fogo, consegue satisfazer todas as tribos pop – dos heavies aos pós-tudo. É uma programação sem riscos. [...]. (ESCOBAR. Folha Ilustrada P.33.10/01/1985).

Dentro do caderno, uma matéria da repórter Isa Cambará dava conta da chegada dos astros Nina Hagen, George Benson e Angus Young. O conteúdo foi limitado a relatar o desembarque e entrevistas dos artistas, passando por relatos de fãs. Em outra parte, Pepe

Escobar comentou a passagem de som do Queen. Com a irônica manchete “A ‘Rainha’ aprovou o som”, a matéria apontou ainda que os preços para comer ou andar de táxi estavam absurdos.

No dia de abertura, vemos a Ilustrada dar o merecido destaque ao Rock in Rio. O Queen teve direito à foto na capa do caderno, ocupando boa parte da página, ao passo que Ney Matogrosso, artista que abriria o festival, ficou representado em segundo plano. Com “Hoje é dia de Rock”, o jornal abria as portas, de fato, para o evento em si. Mesmo assim, Pepe Escobar não deixou de comentar:

Hoje, milhares de cabeças começam a torrar em série. Nunca se viu tamanha enxurrada promocional em cima do rock nesse País. Nem em cima de qualquer outro acontecimento da indústria do entretenimento. O artplanejado sonho de marketing de Medina virou um gigantesco dragão. Só se fala em rock, desde o caroneiro de trem da Central ao barba-e-bolsa que luta pela legalização do Partido, passando por toda mídia, botões, camisetas, faixas em padaria, sanduiches, apartamentos rock'n'roll e vai por aí. O Rio está sitiado. [...]. Isso não a torna uma cidade internacional, mas um verdadeiro bazar turco. O Galeão e a rodoviária estão entupidos de cariocas se mandando. (ESCOBAR. Folha Ilustrada P.43.11/01/1985).

A página 52 do mesmo caderno tratava de colocar o empresário Roberto Medina agora como o grande idealizador de um mega evento. Para tanto, associar a imagem do então proprietário da ArtPlan a algum popstar se fazia essencial. Até aqui, o jornal Folha de São Paulo, através do caderno Ilustrada, foi suficientemente crítico ao evento e à cidade do Rio de Janeiro. A partir da véspera do Rock in Rio mostrou de forma leve a abertura do evento em si e do jornal em relação a ele. A matéria “Medina prevê retorno em prestígio” nada mais fazia, senão enfatizar a figura do empresário que traria um mega espetáculo inédito para o país.

De acordo com o trabalho do jornalista Alfredo Ribeiro, para o investimento de US\$ 11 milhões (alto para os padrões da época), previa-se maior retorno no turismo e lucro nas vendas de produtos licenciados e nos dos patrocinadores (Brahma, Bob's e McDonalds). A compra de direitos de transmissão, por parte da Rede Globo, também garantiu bons

dividendos à ArtPlan. Além disso, Medina queria apagar o prejuízo ao trazer o cantor Frank Sinatra ao Brasil

Ao lado, uma foto de Medina, junto a outra do Iron Maden, uma das bandas mais exitosas nos anos 1970 e 80. Com milhões de fãs ao redor do mundo, nada mais normal do que tentar fazer uma analogia do provável sucesso do Rock in Rio, na pessoa de Roberto Medina. Transformada em matéria, a entrevista do líder Bruce Dickinson transcorreu normalmente e foi dada em caráter de exclusividade à Folha. Uma das principais declarações do vocalista era a de que uma banda só fazia sucesso se estourasse nos Estados Unidos. . O insistente questionamento a respeito da estrutura do local do Rock in Rio, ainda era evidente.

A página era completada pelo anúncio de que os astros do AC-DC e Rod Stewart já haviam chegado ao Rio.

O segundo dia do Rock in Rio foi prometido como algo totalmente diferente do primeiro. A abertura do festival contou com nomes de peso do heavy metal. Na noite de 12 de janeiro de 1985, a Folha Ilustrada faz referência aos nomes da música brasileira, como Gilberto Gil, Elba Ramalho e Ivan Lins, classificando-os, entre as demais atrações, como artistas de tom suave. A atenção ao cantor baiano é evidenciada pelo tamanho que sua foto ocupa na página. Os internacionais James Taylor e Al Jarreau, que se apresentariam na mesma noite, ficaram estampados em tamanho menor. Pepe Escobar aproveita a matéria “Depois da tempestade, a bonança” para comentar o comportamento da imprensa brasileira diante das atrações do Rock in Rio:

Todo mundo no Rock in Rio, aliás, vem sendo qualificado pela mídia de “o melhor”, “o rei de não sei o quê”, etc. Nunca se viu tanta besteira impressa sobre o rock e música popular quanto neste festival. 90% da mídia é constituída de tietes. Se vocês, leitores confortavelmente instalados, vissem o nível da perguntas nas entrevistas coletivas, ficariam horrorizados com a chamada classe jornalística [...]. (ESCOBAR. Folha Ilustrada P.37.12/01/1985).

A interdiscursividade se torna evidente. É o tom festivo e laudatório dos demais veículos que chama a atenção do crítico. Curiosamente, tom que já começa a ser praticado pelo próprio órgão em que trabalha. O discurso crítico, o discurso da dúvida sobre a capacidade de realização do país continua a ressoar em suas colunas. Mas agora já atravessado, pela negação, de outros sentidos atribuídos ao grande evento. Escobar se sente na necessidade de negociar com o sentido que já vai se tornando hegemônico: o do grande acontecimento musical da história do país.

A partir do dia 13 de janeiro, nota-se que a Ilustrada abriu espaço dentro do caderno com mais frequência. A capa do encarte de cultura tratava de noticiar o evento em si. No interior da Ilustrada, matérias de meia ou um terço de página relatavam questões de bastidores, como segurança e estrutura.

Ao contrário do dia anterior, em que nomes nacionais eram reverenciados, Pepe Escobar, agora, parece festejar a presença de Nina Hagen e Rod Stewart, no dia em que o Rock in Rio seria aberto por nomes do New Wave brasileiro: Blitz, Paralamas e Lulu Santos. Ao lado, uma nota dava conta de que os roqueiros paulistas não precisavam se preocupar por não terem ido ver Nina no Rio de Janeiro. A cantora alemã pegaria a ponte aérea tão logo deixasse o rockódromo. Na capital paulista, cantaria em duas noites, o que foi reforçado no texto, pois no Rio, seria apresentação única de aproximadamente uma hora.

Mais adiante, na mesma edição, a enviada especial Norma Couri apenas reportou que a segurança do festival teve pouco trabalho, embora a matéria ocupasse cerca de um terço da página e não ter imagem.

Na edição do dia 14 de janeiro, a Ilustrada fugiu aos padrões até então dedicados ao Rock in Rio. Com fotos de vários artistas, brasileiros ou estrangeiros, destacando os do segundo grupo, limitou-se a uma pequena matéria, dando alta importância ao cantor James

Taylor. Quem assina é Pepe Escobar. O jornalista não deixa de criticar a TV Globo, por limitar o acesso de outros grupos de comunicação nas dependências do rockódromo.

É só olhar pela TV – aquela mesma que se interessou por este festival porque viu as possibilidades de transformá-lo em um imenso show sanitizado para sua juventude idealizada, impedindo, é claro, que outros órgãos da imprensa possam trabalhar direito, pois só ela tem acesso a uma série de locais e informações estratégicas. OK, afinal isto aqui é uma hacienda. [...]. (ESCOBAR. Folha Ilustrada P.23.14/01/1985).

A capa da Ilustrada nesse dia conta com um boxe, onde há imagens dos dias de rock no Rio de Janeiro. As legendas não são comuns ao estilo jornalístico, mas dão um tom de jograis e ideias paralelas. A sessão foi intitulada “On the Rock” e ressaltou o caráter universal adotado pela organização do Rock in Rio, devido à diversidade de gêneros musicais dos artistas que já haviam passado pelo palco e dos que ainda se apresentariam.

A edição de 15 de janeiro era uma das mais emblemáticas. Uma terça-feira atípica, um evento musical de padrões internacionais acontecendo na capital carioca e, no coração do Brasil, na capital federal Brasília, o dia estava marcado para entrar na memória dos brasileiros. A eleição indireta para presidente da República, no Congresso Nacional, estava na agenda das editorias de política de todos os jornais. Ainda que indiretamente, era a primeira vez, em mais de vinte anos, que um presidente civil seria escolhido por voto. Na Folha de S. Paulo, o assunto passou a ser pauta também na editoria da Folha Ilustrada.

Nesse dia, ao contrário da edição da véspera, o caderno dedicou duas páginas ao evento. Fato interessante é que o resumo das apresentações do dia 14 de janeiro e a expectativa para o dia 15 ficaram na página interna. Na capa, a eleição em Brasília parecia dar o ar da graça na capital carioca. Contudo, a reportagem principal chamou a atenção para o descaso com o que ocorreria no colégio eleitoral. Isso por parte de muitos entrevistados. Mesmo assim, a certeza da vitória de Tancredo Neves deixava o Rock in Rio com mais aparência de evento musical. Na matéria, um entrevistado salientou “Pouca coisa vai mudar

com o novo presidente, e o que está agitando agora é o Rock in Rio”. Outro emendou: “Vim para cá descansar a cabeça e ouvir rock”.

A primeira página da Ilustrada destacava “A eleição vai ao rockódromo” e contou um pouco sobre a apresentação de Moraes Moreira, Alceu Valença, James Taylor e George Benson em apenas um parágrafo. O objetivo, claramente, era tentar estabelecer uma conexão entre os dois eventos, o pleito indireto presidencial e o festival de rock carioca. No relato, consta uma imagem da multidão no momento, segundo a Folha, em que o apresentador do Rock in Rio, Kadu Moliterno, enuncia a eleição do dia 15.

O clima político que tomou conta do País na véspera da escolha indireta do presidente da República pelo Colégio Eleitoral contagiou o apresentador oficial do Rock in Rio, Kadu Moliterno, o mais havaiano dos brasileiros, que abriu o espetáculo de ontem dando as palavras de ordem: “O que a gente quer é votar, morou? Mas já que não dá, o negócio é tancredar. Todo mundo amanhã (hoje) de verde e amarelo aqui, no Rock in Rio”. Tímidos aplausos. (Folha Ilustrada P.29.15/01/1985).

Segundo a legenda da imagem, havia um clima de política por dentro dos muros da Cidade do Rock, mas a reportagem trata de desconectar a imagem, pois os relatos dão a entender que os roqueiros não estariam interessados do que se passaria em Brasília, seja por não gostarem de política ou por perceberem que a vitória de Tancredo já era dada como certa. Tais motivos não teriam gerado grandes expectativas na maioria dos que foram entrevistados pela Folha.

Outro destaque, embora não fosse surpresa, foi dado à venda de bebidas no Rock in Rio. Uma nota comentava que a Brahma havia lucrado bem com as bebidas que foram vendidas na Cidade do Rock, a marca oficial de bebidas deste festival comemorava o resultado de 100 mil litros de refrigerante e 90 mil de cerveja Malt 90. Mais abaixo, uma pequena reportagem, com direito a foto, relatava a ideia de um publicitário paulista de comercializar pequenas doses de vodka, como opção à Malt 90.

Ainda na capa da Folha Ilustrada, outro assunto que não tratou diretamente dos bastidores e apresentações do Rock in Rio foi abordado: as ocorrências policiais. Embora o título seja “Futebol é mais violento”, comparando os 22 registros da mini delegacia montada especialmente para o festival com os casos de uma delegacia próxima ao estádio do Maracanã em dias de partidas, o repórter Valério Meinel, da sucursal carioca da Folha, lembrou casos de menores apreendidos em virtude das ocorrências no rockódromo. A fotografia e a legenda concordam com o título, mas discorda com o texto.

Assim, a primeira página da Folha Ilustrada, no dia 15 de janeiro de 1985, foi publicada. Com poucas incisões ao evento musical em si, mas buscando ganchos para retratar o que ocorria paralelamente dentro do próprio.

O caderno de cultura trouxe na página 36 os destaques do dia 15, referenciando o retorno do heavy metal, uma vez que as bandas Scorpions e AC-DC subiriam ao palco na noite daquela terça-feira. Antes, a reportagem mencionou os nomes brasileiros que abririam os shows: Kid Abelha, Eduardo Dusek e Barão Vermelho. Este último, segundo a matéria, era um dos grandes nomes do rock brasileiro em 1985.

A página teve também o destaque para as apresentações de Nina Hagen Rod Stewart, numa crítica assinada por Pepe Escobar. A foto de ambos, em seus respectivos shows, realçava os estilos de cada um: Nina com seu figurino extravagante – mesmo com a fotografia em preto e branco, o texto relatava o uso de perucas coloridas e cores fortes, por parte da roqueira alemã. Por sua vez, Rod foi tratado como um artista irretocável, por Escobar. O começo da crítica do jornalista é marcado pelo uso de expressões populares com “caiu matando” e “macaco velho”. Sobrou até para o líder do Queen, Freddie Mercury:

Nina Hagen caiu matando no palco no domingo à noite, com sua banda multicultural de alemães, um baixista rasta de Chicago e um tecladista irlandês. Mas quem sacudiu mesmo a massa – não tão compacta quanto a de sábado – foi o recém-quarentão Rod ex-The Mod Stewart, posador profissional, macaco velho de palco, só precisou desfilar seu show stander, que praticamente não muda há seis anos,

entupido de sucessos. Mais vaidoso até mesmo do que a boneca Freddie Mercury, pelo menos compensou algo no gogó. [...]. (ESCOBAR. Folha Ilustrada P.36.15/01/1985).

O repórter Marcos Augusto Gonçalves escreveu sobre a evolução dos artistas brasileiros em “Nacionais em nível internacional”. Ele usara uma frase de Herbert Viana, para abrir a matéria e evidenciar o restante do texto. A mensagem, feita na apresentação dos Paralamas do Sucesso, dizia que a realização do Rock in Rio, antes impensável, se deu graças aos novos grupos brasileiros que surgiram alguns anos antes. Além disso, após dar o crédito ao líder dos Paralamas, o jornalista concorda: “É verdade” (Gonçalves, Folha Ilustrada. P36. 15/01/1985). O texto é conciso e coerente com o título, exalta a simplicidade dos nomes brasileiros que conseguiram fazer apresentações empolgantes e de garra, segundo a matéria. Para isso, Marcos Augusto usa a premissa de que o interesse dos jovens roqueiros teria algo a ver com a emergência de compositores, letristas e instrumentistas brasileiros. Os cantores nacionais que, a princípio, não teriam relações diretas com o estilo do festival, teriam feito apresentações memoráveis, contradizendo tudo que falaram antes, principalmente no que dizia respeito à Elba Ramalho e Ivan Lins. Por fim, ele elogia Lulu Santos, enfatizando que se trata de “um músico respeitável”.

A edição do dia 16 de janeiro surpreendeu mais do que a do dia anterior. Embaixo de uma foto que ocupava meia página da capa da Folha Ilustrada, estavam três matérias que remetiam à eleição do Colégio Eleitoral. Cabe ressaltar que o tema só entrou na editoria de cultura por que a imagem da matéria principal mostra artistas e intelectuais na redação do jornal paulistano, comentando a transmissão do pleito indireto que elegeu Tancredo Neves para presidente.

O festival de rock que acontecia no Rio de Janeiro ficou em uma página interna da Ilustrada. Mesmo assim, a editoria de política parecia ter conseguido mais um espaço na de cultura. “Metaleiros apoiaram Maluf e o anarquismo” relatava que a poucos quilômetros do

rockódromo um grupo de roqueiros conversava sobre política. Um deles lembrou o que Tancredo Neves disse a respeito do Rock in Rio, dias antes do festival começar. Ao mesmo tempo, a matéria conta sobre adeptos do rock que tinham televisão dentro de suas barracas no Camping Caracol. O objetivo era não perder a transmissão da votação.

Ao lado, a matéria do dia, de Pepe Escobar, buscava exaltação do cantor britânico Rod Stewart. “Ele posa, posa até não poder mais. Mas deixa o homem” (ESCOBAR, pg 36, 1985). O texto deixa claro que foi escrito após uma entrevista coletiva, no dia anterior. Relata um artista excêntrico e estiloso, esbanjador e esnobe, mas nem por isso deixa de ser um bom cantor. Sendo assim, o destaque ao cantor proporcionou ainda uma fotografia de tamanho considerável, uma vez que a outra imagem – contava em duas pequenas colunas sobre a evolução dos Paralamas do Sucesso – era pequena e de plano mais geral. Eram as duas únicas imagens da página. Até então, as fotografias sobre o Rock in Rio eram privilegiadas em relação ao texto. Na Ilustrada do dia 16, excepcionalmente, a escrita ocupava mais espaço em uma página.

Além do que se lia a respeito de Rod e da banda de Herbert Viana, duas matérias completavam o assunto Rock in Rio.

Na primeira, o repórter Sérgio Augusto inicia contando uma experiência na vizinhança onde mora. E com isso, observa que há cariocas que não estavam comungando da euforia vivida pelo restante dos brasileiros. Mas o texto não cita somente o cidadão comum do Rio. Através do texto, percebe-se que a experiência passada com anônimos motivou a busca por aqueles que foram chamados de cariocas notáveis. “O Rio é uma megalópole de 14 milhões de habitantes. Desses, só uns duzentos mil se ligaram no Rock in Rio. Mais da metade veio de fora, especialmente de São Paulo”, teria dito João Saldanha, o qual levou o título de “o gaúcho mais carioca do país”. Outros nomes citados foram: o compositor Tom Jobim, e os humoristas Jaguar e Millor Fernandes. Apesar de fazer comparações com o

carnaval, o texto, contudo, enfatiza que os “cariocas notáveis” não estariam se inteirando do Rock in Rio, mas que isso era “de bom grado”. Ao fim, uma fala creditada a Marcos de Vasconcellos: “O Rock in Rio é o anti-Simonal, é a festa que marca o fim da ditadura e o começo de uma nova era”.

A segunda matéria levava um tom de jornalismo policiaisco à Ilustrada. O jornalista Valério Meinel retorna ao que havia sido publicado dias antes, onde o número de ocorrências policiais nos primeiros dias, na área do festival, foi menor que num dia de clássico no Maracanã. Após o quarto dia, o que Meinel relata é uma troca de tiros entre agentes da Polícia Federal e seguranças da Artplan, deixando uma pessoa baleada. Além disso, a 12ª Delegacia, em Copacabana, recebeu a denúncia de que uma mulher foi violentada por Seguranças da empresa organizadora do Rock in Rio.

A crítica do dia apontava os erros de sonorização, a organização e as previsões – nada animadoras – do tempo. Esses e outros motivos fizeram o título “O melhor é ver pela TV” muito esclarecedor. Ao passo que a TV Globo mostrava os melhores momentos, o som era audível e, aliado ao conforto de casa, faziam a sensação de não estar no inédito festival de rock brasileiro não ser tão ruim.

Tudo isto sem você se arriscar a tomar chuva, enfrentar congestionamentos ou levar uma bordoadada dos sempre ativos seguranças. Telespectador, você é mais feliz: continua sonhando. (MSJ). (Folha Ilustrada. P. 42. 16/01/1985).

Enquanto os artistas internacionais se preocupavam com suas apresentações, os brasileiros, além disso, assumiam uma militância em torno do significado do país ter seu primeiro presidente eleito em duas décadas.

As referências políticas também estiveram presentes no show do Barão Vermelho – um dos melhores feitos por um grupo brasileiro no Rock in Rio. Depois de empolgar o público com seus sucessos, o Barão terminou a apresentação cantando ‘Pro dia

nascer feliz'. Sob aplausos, Cazuza mudou o refrão e cantou 'Pro Brasil nascer feliz'. (COURI. Folha Ilustrada P.31.17/01/1985).

A Ilustrada levou, mais uma vez, um pouco de noticiário político às suas páginas. No dia 17, a manchete principal foi “Yes, nós temos rock, banana e presidente”. O texto comentava sobre o dia no Rock in Rio, em que a banda britânica Yes faria seu show. O curioso foi o uso da palavra “yes”, que na época tinha um tom de alegria, de algo que deu certo. Ao mesmo tempo deu a impressão de ser um vocativo. O texto do subtítulo apontava que o grupo se apresentaria para um povo/público sob forte clima político e eufórico, ainda sobre a vitória de Tancredo Neves no colégio eleitoral.

Em seguida, outra matéria, de canto de página. Norma Couri reportou que os roqueiros acampados davam depoimentos sobre a vitória de Tancredo Neves. Um deles mencionou a declaração contraditória do ex-governador mineiro, dias antes do início do Rock in Rio. Outros não teriam dado importância para o momento político vivido, de acordo com a matéria. Mais destaque ainda foi dado às imagens recortadas de várias apresentações, mostrando artistas e multidões impondo a bandeira do Brasil.

Isa Cambará trouxe uma reportagem intitulada “As estrelas festejam no ‘Tancredance’”. Se na área do Rock in Rio, os astros internacionais pouco sabiam sobre a política no país, no Circo Voador, um deles, cantou até de graça. Levado por Caetano Veloso, James Taylor se apresentou junto à Elba Ramalho, Chico Buarque, João Bosco, Beth Carvalho, Alceu Valença e Paulinho da Viola numa festa que reuniu quatro mil pessoas. Com certeza deve ter aprendido sobre o que se passara no Brasil, nos últimos 20 anos. A comemoração foi chamada de “Tancredance”.

Nas comemorações pela vitória de Tancredo Neves, houve “invasão” estrangeira (aliás, muito bem recebida): a maior bilheteria do Rock in Rio até agora, James Taylor, também entrou na dança da democracia. Cantou de graça (o que deve ter matado Roberto Medina de raiva) no “Tancredance”, no circo voador, mistura de

show e baile, organizada pela ala jovem da campanha de apoio ao novo presidente. (CAMBARÁ. Folha Ilustrada P.31.17/01/1985).

Segundo a reportagem, o embalo se deu por conta das canções que provocaram os órgãos de censura durante o regime militar. A matéria finalizou mencionando que a comemoração no Circo Voador foi boa a ponto de ninguém querer sair do local.

Faltando dois dias para o fim do Rock in Rio, a Ilustrada voltou a colocar o Rock in Rio na primeira página. Em 18 de janeiro, o assunto era os grupos B-52, Go-go's e Queen. A foto privilegiou o B-52, junto a uma de Rod Stewart e Rita Lee. Segundo as legendas, estes dois últimos foram os grandes destaques do show de terça (15/01/85). Pepe Escobar escreveu sobre as crenças do B-52 em seres espaciais e comentou sobre o Go-go's e Queen – personificado em Freddie Mercury:

[...]. Hoje também tem Go-gos (já tiveram tempo de ensaiar todo o repertório) e Queen (se é que Freddie Mercury já se recuperou de tantas noitadas bissexuais). [...]. Por enquanto, eles comem mamão e vão à praia. Odeiam nazis e ataques de elefantes. Acham que os EUA devem sair da América Central. Acreditam na democracia social. Definem seu som como “rock dançante uptempo”. Compõem do subconsciente – recado para os ueives, Fred Schneider acha que veio de Netuno. Seu refrão é: “Outer Space is the greatest place” (o espaço sideral é o melhor lugar). [...]. (ESCOBAR. Folha Ilustrada P.43.18/01/1985).

Diagramado abaixo na página, um relato sobre os shows de terça-feira. Com um pouco de chuva, quem brilhou foi Rita Lee e Rod Stewart. Isso lhes rendeu uma singela fotografia na parte superior. Por fim, um comentário sobre os shows do dia 15 de janeiro. A matéria elogiou bandas brasileiras que se apresentaram no dia da eleição indireta. Kid Abelha, Barão Vermelho (Cazuza) e Eduardo Duzek foram considerados importantes no dia em que o ex-governador de Minas, Tancredo Neves foi eleito indiretamente para governar o país.

[...]. Na teoria, o fim de quase 21 anos de suplício. Na prática – passada a euforia – nem tanto. Para a maioria esmagadora da garotada brasileira – coisa que políticos e figuras que gravitam em volta desconhecem – está na cara que tudo tem que mudar. Essa garotada não vai esperar mudanças por via constitucional e outorgadas pelo poder – seja oligárquico ou de rótulo liberalizante. Política, aqui, agora, é pegar uma guitarra e fazer uma banda. Sai muito horror. Mas também saem coisas de eriçar a grama de qualquer planalto. Os shows do Rock in Rio no histórico dia 15 de janeiro foram muito interessantes. Kid Abelha e seus Abóboras representaram como poucos os filhos de 64. Confessam nas próprias letras o vazio interior. São o retrato da maioria silenciosa. O Barão Vermelho já foi por outro lado: um show de sangue, raça, com um som limpo, vocal rascante de Cazusa, guitarra tocada com tesão. O Barão deixa fluir o que essa garotada tem de mais forte: o individualismo malandro. Dusek, inteligente e corrosivo, foi prejudicado pela armada heavy em frente ao palco e não conseguiu se concentrar, nem fazer a plateia dançar. Mas foi importante que ele marcasse o dia 15: é quem expõe para a garotada a verdadeira alma nacional em suas breguices. (ESCOBAR. Folha Ilustrada P.43.18/01/1985).

Pepe Escobar assina a matéria principal da edição de 19 de janeiro da Folha Ilustrada. Aliás, a capa do encarte de cultura da Folha trouxe o texto de três jornalistas diferentes. No Rock in Rio, é dia de Whitesnake, Ozzy Osbourne, Scorpions e AC/DC. Manchete “Hoje, grande noite dos metaleiros”, lembrou do estilo que consagrou bandas ao redor do mundo e que atraiu milhares de fãs ao Rio de Janeiro.

Na mesma página, Isa Cambará escreveu sobre os componentes do Whitesnake falarem sobre mulheres e sexo. Assim sendo, o título “Whitesnake só canta mulheres” ajuda a entender o texto, ao mesmo tempo em que soa ambíguo.

Norma Couri, por fim, traz uma mistura de relato e crítica a respeito de Ozzy Osbourne. O metaleiro foi colocado como pai de família e do heavy metal, passeando do céu ao inferno e compondo para ganhar dinheiro. A legenda da imagem chama Ozzy de “sumo-sacerdote da metaleira satanista”.

Na página 56, o repórter Alfredo Ribeiro escreveu que alguns artistas brasileiros tiveram dificuldades com a aparelhagem de som. De acordo com a matéria, os organizadores apontaram a “falta de intimidade” dos técnicos. Ao lado, um pequeno box dá direito de resposta aos funcionários. Ali, o responsável pelo planejamento do sistema sonoro do Rock in Rio, Antonio Faya, disse que não se poderia comparar a massa sonora de apresentações de

heavy metal com as da MPB, uma vez que a aparelhagem foi basicamente a mesma para todos que se apresentaram. Ney Matogrosso foi um dos que mais criticaram o som.

No último dia do Rock in Rio (20 de janeiro de 1985), a Ilustrada trazia a manchete “Com Nina, o rock diz *adeus*”. Norma Couri, enviada especial ao Rio, enfatiza que apesar de fazer a segunda apresentação no festival carioca, a cantora passaria pela capital paulista. Uma entrevista aparentemente descontraída, uma mistura de ideias e hábitos. A cantora alemã fala sobre o futuro do recém eleito Tancredo Neves, dizendo que a vida dos brasileiros iria melhorar com ele na presidência. Para ela, o rock seria a grande vibração no Brasil e aconselha as pessoas a serem vegetarianas como forma do Brasil entrar no futuro.

Pepe Escobar, ainda no Rio de Janeiro, conta que após o festival de Rock, Nina Hagen daria continuidade à turnê de seu show em terras brasileiras. Passaria por Porto Alegre, Santos e Belo Horizonte. Porém, São Paulo foi destacada mais uma vez. Em dois trabalhos de jornalistas diferentes, percebe-se a repetição da informação com a mesma ênfase.

Um breve relato conta a outra passagem do Kid Abelha e de Eduardo Duzek no palco do Rock in Rio, na noite anterior. Citando as poças d’água que se formaram no chão do rockódromo, o texto desconversa sobre as apresentações, consideradas excelentes pelo então diretor da TV Globo, Boni, e pela Organização do evento.

O dia 21 de janeiro rendeu ao Rock in Rio o maior destaque, talvez, que o festival teve por parte da Folha Ilustrada. Fotografias maiores e textos mais analíticos relatavam a última noite de apresentações e sugeriram algo para corrigir os erros na segunda edição. Após o último dia, também se vê uma análise do que ocorreu na capital carioca – uma ideia de como o Rock in Rio teria sido um divisor de águas nos eventos musicais e na capacidade de adaptação do carioca frente a megaeventos. A primeira página da Ilustrada teve matérias de Alfredo Ribeiro, Pepe Escobar e Norma Couri.

Ribeiro apresentou um pequeno relato com tom crítico à estrutura do Rock in Rio.

Foi em boa hora. Ninguém aguentaria mais outras noites de rock em lama. Dez dias seguidos de Rock in Rio foi exagero, reconhecido pelo próprio Roberto Medina, que no ano que vem servirá aos roqueiros com doses mais compactas de shows, sem reapresentações e divididas em duas baterias, somente as sextas, sábados e domingos. A plateia também deverá encontrar no Rock in Rio 2, anuncia Medina, uma grama especial plantada em areia. Chega de lama. (RIBEIRO. P.21. Folha Ilustrada. 21/01/85).

Depois, emendou um resumo dos shows da última noite, que contou com Gilberto Gil, Blitz, Nina Hagen, B-52's e Yes. Antes, contudo, uma homenagem a Erasmo Carlos, o primeiro a se apresentar.

Pepe permaneceu em seu estilo irônico; falou dos shows da última noite, mas não deixou de comentar a estrutura do Rock in Rio e o comportamento da organização do evento, principalmente diante da imprensa. A crítica ficou mais evidente ao comparar o Rock in Rio com eventos dos anos 1960 em que os grandes astros do rock internacional estavam em plena forma. O texto coincide com uma das primeiras críticas feitas por Escobar, dias antes do início do Rock in Rio, em que disse que o Brasil entra fervendo na rota fria dos festivais de rock.

Norma Couri conclui mencionando o alto investimento para a época (estimado em US\$ 12 milhões) com baixo retorno. Mesmo assim, o empresário Roberto Medina mostrou-se satisfeito, principalmente por conseguir imprimir a tão desejada marca de empresário internacional de eventos.

5 CONCLUSÃO

O Rock in Rio, como afirmou Groppo, se configurou em mais que um evento, pela projeção e marca criada. Passou a ser rotulado como símbolo da juventude dos anos 1980. O processo de revolução histórica pelo qual o Brasil passava também deixou sua contribuição. A promoção do evento em todas as instâncias, a realização e o legado do festival de rock inseriram o país na rota dos festivais. De certa forma, o Rock in Rio conseguiu passar à memória discursiva de gerações inteiras, principalmente, pelo efeito e mídia como um símbolo de mudanças no país. Curiosamente, o discurso “vencedor” foi bem diferente daquele sustentado pela Folha, resistente no início, crítica ao final, o que não deixou de ser um deslocamento. Mas nunca uma adesão ao sentido hegemônico, capitaneado principalmente pela Rede Globo.

Ainda assim foi possível ver uma aproximação entre discursos sobre a política (temperada pelos ventos de mudança) e o discurso sobre o festival (enfatizando mais no começo e menos no final um Brasil anacrônico, pouco habituado a organização de grandes eventos).

De certa forma, a Ilustrada, principal espaço de discussão e cobertura do Rock in Rio, não deixa de ressoar a ideia de que as revoluções podem partir da juventude. Desta forma, compreende-se a produção de sentidos a partir de textos heterogêneos levados ao caderno de cultura da Folha de S. Paulo.

Regionalismos históricos entre mídia paulista e mídia carioca provaram que essa questão não era nova e, com o passar dos anos, foi atenuada, porém não extinta. A inserção de matérias em tom crítico à estrutura montada em torno do Rock in Rio, relatando aspectos que não tiveram êxito ou não teriam sido eficientes.

Os caminhos pelos quais a Crítica musical se desenvolveu foram notados dentro da análise de discurso, levando em consideração os títulos das críticas e das matérias. O contexto em que o material analisado foi inserido reporta à época em que dois episódios, um na cultura e outro, na política, tornaram emblemático o mês de janeiro de 1985.

A Análise de Discurso não tem o texto em si como objeto final de sua explicação, mas sim os discursos que o atravessam. Portanto, o que temos como produto de análise é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições. De um lado, o maior evento de música. Do outro, um dos mais influentes jornais do país.

6 REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras Incertas: As não-coincidências do dizer.** Campinas, SP: Educamp, 1998.

BETTENCOURT, Alice E. M.; PITTA, Ana Lúcia; MARTINS, Cleiton R; FERNANDES, Guilherme. **As manifestações Negativas à Banda Restart no Youtube: Críticas à Música ou ao Estilo?.** (Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação) Recife: Intercom, 2011.

DAPIEVE, Arthur. **BROCK: O Rock Brasileiro dos anos 80.** 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Trad. Estela Santos Abreu. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GROPPO, Luiz. **O Rock e a Formação do Mercado de Consumo Cultural Juvenil: a participação da música pop-rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso do Brasil e os anos 80.** 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UNICAMP.

JANOTTI JR, Jeder. **Mídia, música popular massiva e gêneros musicais: a produção de sentido no formato canção a partir de suas condições de produção e reconhecimento.** Trabalho apresentado na XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP. Junho/2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: Neurose.** Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso** In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna C. (Org). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** Vol.2. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1.

OLIVEIRA, Cassiano F. S. **O Criticismo do Rock Brasileiro no Jornalismo de Revista Especializado em Som, Música e Juventude: Da Rolling Stone (1972-1973) à Bizz (1985-2001).** 2011. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 2005.

RIBEIRO, Júlio Naves. **Lugar nenhum ou Bora Bora?:** Narrativas do “rock brasileiro nos anos 80”. São Paulo: Annablume, 2009.

Acervo Folha – **Folha Ilustrada. Janeiro/1985** Disponível em:
<<http://acervo.folha.com.br/fsp/1985/01/>> Acesso em 20 jan. 2013.

7 ANEXOS